



# AVANÇOS RECENTES DA GEOPOLÍTICA DO BRASIL

Phillip L. Kelly

---

Publicado na revista *Política e Estratégia* (Volume III, fevereiro, 1985) e na revista *Geopolítica Hacia una Doctrina Nacional* (Número 33, Ano XII, 1986), o artigo é tradução do texto argentino. Nela, o autor se detém, basicamente, na apresentação e interpretação do pensamento geopolítico do General Meira Mattos, nosso emérito colaborador.

---

O interesse pela Geopolítica na Inglaterra, nos Estados Unidos, e em muitos outros países, chegou a ser nulo durante a Segunda Guerra Mundial, como reação à "Geopolitik" expansionista das estratégias hitleristas.<sup>1</sup>

A reativação desse interesse só recentemente se tem manifestado.<sup>2</sup> Não obstante, essa disciplina manteve sua influência e vitalidade no Cone Sul da América do Sul, em particular na Argentina, Chile e Brasil, on-

de predominam (ou predominavam) governos militares. Os Estados Unidos estão mais distantes e os problemas particulares nacionais animam as soluções geopolíticas tradicionais. Entre esses países sul-americanos, a geopolítica está mais desenvolvida e disseminada.

No Brasil, a aplicação da Geopolítica à Política provém de uma ampla e secular linha de notáveis geopolíticos,<sup>3</sup> que inclui o Barão do Rio Branco, Evardo Backheuser, Mário Travass-



sos, Golbery do Couto e Silva e Carlos de Meira Mattos, sendo este último o maior contribuidor para esse consistente e integrado padrão de pensamento político. Dada a sua autoridade nas altas esferas de decisão estruturais do Estado Brasileiro e o grande respeito que seus textos lhe granjearam, Meira Mattos é considerado atualmente, não só na América Latina, senão também muito além dela; a autoridade máxima em Geopolítica na América do Sul.

Os textos de Meira Mattos parece que foram influenciados por dois fatores, em particular: a posição geográfica do Brasil, e as respostas dos teóricos acima mencionados a respeito dessa posição, e sua filiação à "Sorbone" do Exército Brasileiro.

O Brasil, em termos de posição geográfica, é uma potência dominante no Atlântico Sul e no Continente Sul-Americano. Sua fronteira marítima, apontando vivamente para a África, estende-se por 4.600 milhas, desde acima da foz do Amazonas, ao norte, até o limite com o Uruguai, ao sul. No interior, as 9.700 milhas de fronteiras terrestres do Brasil fazem contato com todos os países da América do Sul, exceto o Chile e o Equador, e abrangem um extenso e pouco desenvolvido território interior, a oeste e ao norte. Em 1977, o Brasil era o quinto país de maior superfície no mundo, o sexto em população e o décimo em produção econômica. Essa impressionante esta-

tística indica, verdadeiramente, uma potência mundial em expansão, tema que tem sido exaltado permanentemente pelos brasileiros, ao longo de todo o século XX, e que está muito bem ilustrado por Meira Mattos em seus escritos geopolíticos.

Apesar dessas cifras, o Brasil enfrenta sérias dificuldades. O país carece de um desenvolvimento social e geográfico consistente, estando sua riqueza concentrada nas mãos das novas classes empresariais e tecnocratas, que vivem no centro-sul, nos grandes conglomerados de São Paulo e Rio de Janeiro. O Nordeste permanece alienado e pobre e o oeste amazônico despovoado e inexplorado. Ao longo da história nacional, conseqüentemente, a faixa marítima tem dependido das comunicações oceânicas, enquanto a despovoada região amazônica permanece subdesenvolvida e ilhada da costa, oferecendo oportunidades a invasões e a insurreições domésticas.

Um dos principais temas dos geopolíticos brasileiros prescreve planos de ação para reduzir tais dificuldades.<sup>4</sup> Por exemplo, pode-se encontrar a melhor solução para as fronteiras despovoadas e desprotegidas — segundo postulam esses teóricos — na "marcha para o oeste", para desenvolver e povoar territórios expostos, e no controle do "triângulo mágico" da Bolívia, o eixo Santa Cruz—Sucre—Cochabamba, considerado por alguns



a chave de *heartland* (coração da terra) da América do Sul. Porém, povoando as fronteiras e controlando o triângulo boliviano, pode-se esperar um antagonismo contra o Brasil, em particular por parte da Argentina, Peru e Venezuela, situação que constitui grave ameaça para a nação.<sup>5</sup>

Além disso, para alcançar a segurança contra as fragmentações internas e o cerco hispano-americano, esses geopolíticos argumentam que a manutenção do comércio e das comunicações marítimas brasileiras com o mundo é vital para a sobrevivência do país. E de particular interesse proteger distintos e importantes "pontos de choque" oceânicos: os estreitos do Médio Atlântico (o passo Belém-Dacar, no norte da África); o cabo sul-africano da Boa Esperança, que dá acesso ao Brasil, ao petróleo do Golfo e da Ásia; e o Canal de Beagle e o Estreito de Magalhães, o caminho mais seguro para o Pacífico. Em última instância, a Antártida adquiriu crescente importância para o Brasil, porque é adjacente a essas "zonas de choque", e a necessidade de segurança no Atlântico Sul estabeleceu a necessidade de uma presença naval mais forte na área.

Todos os principais geopolíticos brasileiros têm considerado os Estados Unidos como um aliado importante, já que ambos os países compartilham do interesse estratégico comum de preservar os países americanos

de ameaças militares e ideológicas extracontinentais. De igual forma, Brasil e Estados Unidos são considerados nações ocidentais, com políticas de defesa semelhantes para a manutenção de um equilíbrio de poder favorável entre as regiões do norte e do sul do Atlântico, respectivamente. Embora o Brasil não tenha acesso direto ao Pacífico, suas estratégias descrevem seu objetivo continental e sua projeção marítima, como reflexo das posições mantidas por seus aliados do norte.

Dentro dessa perspectiva geográfica, os textos de Meira Mattos são mais claros quanto aos objetivos e, conceitualmente, melhor moldados que os de seus predecessores geopolíticos, contribuindo com um importante e novo discernimento para sua aplicação política. Em geral, amplia a ênfase principal de Backheuser, quanto às fronteiras orgânicas (fronteiras vivas) e a respeito do perigo dos espaços interiores vazios, sugerindo uma variedade de planos específicos para uma maior consolidação do território nacional.<sup>6</sup> Assim procede sem nenhuma insinuação agressiva contra os vizinhos hispânicos, particularmente a Argentina. Muito influenciado por Mario Travassos, Meira Mattos insiste, de igual forma, na projeção nacional além das fronteiras brasileiras e sobre posições axiais importantes para a segurança nacional. Enquanto Travassos defende uma "projeção continental" de-



pendendo do controle do "triângulo mágico" boliviano,<sup>7</sup> Meira Mattos focaliza, literalmente, todas as regiões periféricas importantes para os interesses brasileiros, tais como: África, Antártica, Atlântico Sul e Médio e as áreas de trânsito para penetrar no Oceano Pacífico, e vê a estrutura amazônica como o "pivô" estratégico da América do Sul.

Golbery do Couto e Silva foi o primeiro dos principais geopolíticos brasileiros a converter, de forma claramente concebida, as idéias geopolíticas em política governamental.<sup>8</sup> Como importante assessor presidencial, durante uma década e meia depois da revolução militar de 1964, Golbery pôde adotar muitas de suas idéias, e as de Meira Mattos, em decisões governamentais. Aliou a segurança brasileira ao desenvolvimento e à integração nacional, e enfatizou a consolidação interna como um meio de prevenir a expansão argentina. Baseado em Travassos, Golbery descreveu uma "zona de aquecimento continental", por meio da qual o Brasil poderia controlar a América do Sul e o sul do Atlântico. Meira Mattos se assemelha a Golbery na insistência em estabelecer a "Geopolítica Aplicada", segundo a qual as relações geográficas compreendidas devem estar contidas na política do governo. Golbery, para tanto, em minha opinião, carece do alcance e profundidade conceitual de Meira Mattos, e deveria ser consi-

derado mais um precursor que um contemporâneo do general.<sup>9</sup>

Ao mesmo tempo, em que Meira Mattos utilizava claramente as formulações de seus precursores, o que é consistente com a tradição dos geopolíticos brasileiros,<sup>10</sup> os eventos políticos contemporâneos refinavam e ampliavam suas abordagens intelectuais originais, durante a década de 60 e posteriormente. Por exemplo, a ameaça militar argentina, outrora foco do planejamento estratégico brasileiro, já não representava o grande perigo na fronteira sul e não é mencionada pelo general. O expressivo avanço brasileiro na industrialização e expansão comercial poderia ser traduzido como uma orgulhosa manifestação de *status* de uma grande potência emergente, novo tema amplamente promovido por Meira Mattos. Igualmente, como um influente porta-voz nos governos militares depois da revolução de 1964, Meira Mattos contou com um excepcional campo de provas para uma conversão de suas prescrições geopolíticas em ações governamentais.

Em adição à posição geopolítica do Brasil, que estimulou, segundo o acima descrito, outra influência expressiva do pensamento de Meira Mattos é sua ligação com o grupo da "Sorbonne" no Exército Brasileiro. Essa facção moderada, uma minoria de respeitáveis intelectuais, única entre as forças militares latino-americanas, distinguiu-se pelas seguintes características:



experiência na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial, que combateu com distinção na Itália e foi atraída pelo modelo de democracia e de empresa privada dos Estados Unidos, e que achou repelente o fascismo de Mussolini; participação como instrutores e/ou estagiários da Escola Superior de Guerra, a "escola que transformou o Brasil", por sua função como escola de estado-maior e como "think-tank (tanque de pensamento; armazém de inteligência) nacional"; e a especialização profissional nos Estados Unidos e na França. Além disso, os "intelectuais" da "Sorbone", classificados nos primeiros lugares de suas turmas acadêmicas, ocupam posições na arma tecnicamente superior de artilharia e servem, preeminentemente, no Estado-Maior do Exército.

Como eram atômicos dentro das Forças Armadas Brasileiras, os oficiais da "Sorbone" constituíram o núcleo do primeiro governo revolucionário, sob o comando do General Humberto Castello Branco, porque só o grupo possuía uma política coerente para dirigir o País, e um respeitável líder capacitado a implementar os planos de desenvolvimento nacional da Escola Superior de Guerra. Incapazes de consolidar sua autoridade, os moderados da "Sorbone" transferiram o poder para a facção da "linha dura", em 1969, mas conservaram sua influência em todos os governos

subseqüentes, em particular no de Figueiredo.

Esses oficiais "liberais internacionalistas" da "Sorbone" subscreveram as seguintes premissas, constantes de várias publicações:<sup>12</sup>

- que a democracia é um estilo político mais "civilizado do que o autoritarismo";

- que o capitalismo e a confiança no setor privado criaram uma nação fisicamente poderosa, com mais efetividade que a que poderiam fazer outros tipos de sistemas econômicos, em particular aqueles que favorecem excessivamente o setor público;

- que o nacionalismo emocional e exagerado deveria ser evitado; é preferível o planejamento governamental racional por parte das autoridades centrais, para fortalecer as abordagens de desenvolvimento, com ênfase no comércio e na indústria privada;

- que o militar é competente para dirigir as estratégias de desenvolvimento nacional; e

- que a segurança nacional deriva do desenvolvimento e da integração nacional.

Meira Mattos, Golbery do Couto e Silva, Ribeiro da Graça e outros, em suas funções no magistério, fizeram das relações geopolíticas um foco central de instrução da Escola Superior de Guerra (ESG), e suas idéias influenciaram a civis e militares graduados, que iriam dar cumprimento a posteriores progra-



mas governamentais domésticos, e no estrangeiro.<sup>13</sup>

Ainda que seja difícil pesar as contribuições individuais à política, pois esta reflete um espaço coletivo de ajustes e compromissos, muitos dos rumos tomados pelos governos brasileiros nas décadas recentes encontram paralelo com as idéias de Meira Mattos. Em certas áreas, sua contribuição à política e aos rumos nacionais tem sido assinalada por vários comentaristas. Por exemplo, Pittman liga intimamente Meira Mattos ao decreto de 1970 relativo ao mar territorial brasileiro, às reivindicações do País sobre a Antártida, à nova dimensão territorial e aos planos nacionais de transporte e desenvolvimento. Igualmente ele crê que o general "ilustra" a tendência (pós-guerra) de uma maior cooperação nas relações exteriores com a Argentina e outros países hispânicos.<sup>14</sup> O nome de Meira Mattos é, com frequência, associado à afirmação de que o Brasil possui vigor e recursos para se transformar em uma potência mundial estável no ano 2000.<sup>15</sup> Seus textos sobre a importância do Atlântico Sul para o Brasil exerceram, evidentemente, algum impacto.<sup>16</sup>

Geralmente os textos de Meira Mattos correspondem aos padrões do pós-guerra na diplomacia brasileira.<sup>17</sup> Por exemplo, moderação no contexto da Guerra Fria (embora anticomunista, o general raramente menciona esse aspecto em suas pu-

blicações); um papel político, antes que mundial, para o Brasil; acomodação com os vizinhos espanhóis, mas resistência a alianças íntimas com organizações regionais; vigorosa expansão das exportações industriais e de novos mercados comerciais, e concentração na consolidação interna. Parece muito pouco provável o abandono dos padrões acima indicados; Meira Mattos mantém, provavelmente, uma opinião mais favorável com referência aos Estados Unidos que a de alguns dos seus correligionários;<sup>18</sup> sua proposta sobre a organização do Tratado do Atlântico Sul tem que receber, todavia, o beneplácito dos recentes governos brasileiros, e seu interesse se estende além da América do Sul, muito mais que o de outros comentaristas brasileiros.

Nascido em São Paulo, em 1913, Meira Mattos se formou na Academia Militar em 1936 e, como jovem oficial, serviu em várias organizações militares, antes de seguir para a Itália com a Força Expedicionária Brasileira, função que o situou, solidamente, no grupo da "Sorbone". Suas principais comissões foram: Adido Militar na Bolívia, Interventor Federal no Estado de Goiás, Comandante do Contingente Latino-Americano da Força Interamericana de Paz enviado a São Domingos, Chefe da Divisão de Assuntos Políticos da Escola Superior de Guerra, Subchefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Vi-



ce-diretor da Escola Interamericana de Defesa, em Washington, Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras (onde fez uma revisão dos currículos da Academia e da Escola Superior de Guerra, para ajustá-los à filosofia da "Sorbone") e Inspetor Geral das Polícias Militares. Meira Mattos foi promovido a general-de-brigada em 1968, a general-de-divisão em 1973, e passou para a reserva em 1977. Recebeu seu doutorado em Ciências Políticas em 1983, na Universidade Mackenzie, de São Paulo, tendo sido Gilberto Freire seu examinador, e atualmente exerce atividade nessa instituição como professor.<sup>19</sup>

Entre suas numerosas publicações, as seguintes apresentam seus mais influentes estudos geopolíticos: *Projeção Mundial do Brasil*, 1960; *Doutrina Política da Revolução de Março de 1964*, em 1967; *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, 1977; *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, 1980; *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua Época*, 1983; e *Geopolítica e Trópicos*, 1984. Seus artigos na imprensa estão contidos, predominantemente, em *Estratégia* (Argentina), *A Defesa Nacional*, *Boletim Geográfico*, *Revista Brasileira de Política Internacional* e na *Revista do Colégio Interamericano de Defesa*.

Os textos de Meira Mattos são representativos da escola "realista" da política internacional, e é dentro desse contexto que ele inclui suas recomenda-

ções geopolíticas para o Brasil. De acordo com os ditames do realismo político, um conflito global caracteriza as transações internacionais. Como não existe, ou provavelmente está por ser alcançada, uma harmonia natural de interesses entre os Estados, não há um mundo ordenado, exceto quando as contendas e lutas, pelo menos as de grande dimensão, são desencadeadas com violência e transferidas para a esfera diplomática ou do poder político.<sup>20</sup> Por ele é que as nacionalidades encontram segurança no "poder", dentro do ameaçador ambiente internacional.

A ameaça definitiva à segurança percebida por Meira Mattos é o expansionismo soviético, um perigo aparentemente originário tanto da ideologia do comunismo, como do imperialismo russo, ainda que Meira Mattos não focalize, direta ou profundamente, o bloco comunista em suas análises.<sup>21</sup> Ameaças mais eminentes, que não estão ligadas intimamente às russas, incluem as fronteiras desprotegidas do Brasil, sua instabilidade política, e várias debilidades sócio-econômicas. Solucionados esses problemas, o bem-estar do Brasil repousa, essencialmente, no êxito do desenvolvimento nacional, tema que Meira Mattos enfatiza com energia. Somente com o desenvolvimento, e o poder que ele mesmo acarreta, se poderá manter a segurança e o progresso da Nação.



Nesse sentido, portanto, o desenvolvimento e o poder são meios de alcançar a segurança nacional.

O poder é definido, pelo geral, como "a capacidade de impor a vontade de uns sobre os outros" desde uma perspectiva física e psicológica, e esse conceito é ampliado para incluir uma cuidadosa contribuição à capacidade de poder brasileira em relação à de outros grandes países. O cálculo de Meira Mattos sobre o poder nacional, com propósitos comparativos objetivos, provém da seguinte fórmula:<sup>22</sup>  $P_p = (C + E + M) (S + W + P)$ , na qual:

$P_p$  = poder perceptível dos países;

C = massa crítica - população e território;

F = capacidade econômica;

M = capacidade militar;

S = conceitos estratégicos mantidos por um país;

V = vontade nacional; e

P = capacidade de persuadir ou convencer.

Desta equação resulta que o Brasil ocupa o 6º lugar quanto a poder mundial, atrás da União Soviética, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, França e China. Ainda que o Brasil esteja classificado em 2º lugar quanto aos conceitos estratificadores (vontade nacional e categorias de capacidade persuasiva), os indicadores restantes colocam o país em 8º lugar, principalmente devido ao seu poder econômico relativamente baixo. Meira Mat-

tos sustenta que o Brasil é ainda uma "potência emergente", a que, junto com a China, tem as melhores possibilidades de alcançar um *status* de grande potência até o fim do século, superado apenas pelos Estados Unidos e pela União Soviética.<sup>23</sup>

O conflito entre a moralidade e o uso do poder, uma crítica comum contra os "realistas", está consistentemente tratada por Meira Mattos. Ele prefere o poder à moralidade. Assim, diz: "ainda que poder e moralidade sejam inseparáveis e, portanto, devam ser levados em conta pelos estadistas, não obstante ... dos dois, o poder é preferido". Todavia, quanto a "os fins justificam os meios", ele declara: "a interdependência entre os princípios éticos e o exercício do poder obriga o estadista a empenhar-se em um processo contínuo de avaliação."<sup>24</sup>

Sob esse ponto de vista, Meira Mattos defende os procedimentos democráticos, argumentando que: "em sociedades abertas e livres, os instrumentos de persuasão predominam, baseados na convicção, nas participações espontâneas e no sentimento de obrigação social do cidadão; nas sociedades totalitárias fechadas, os instrumentos de coerção e a revitalização de mitos carismáticos são de ocorrência usual".

Em outro ponto, Meira Mattos vincula democracia e progresso com referência ao desenvolvimento, estabelecendo uma eventual meta para uma



"sociedade brasileira, desenvolvida, estável e feliz." <sup>25</sup>

A par desses sentimentos, todavia, está sua avaliação de que a liberdade e o desenvolvimento devem ser acompanhados de autoridade. Por exemplo, o general escreve: "é necessário utilizar uma autoridade moderada, a fim de estimular a modernização da sociedade brasileira". <sup>26</sup> Em adição, ele estabelece: "sob o aspecto militar, como enfrentamos inevitáveis concorrências internacionais, necessitamos avaliar as forças dissuasivas necessárias, para garantir a tranqüilidade do nosso desenvolvimento". Meira Mattos insiste, ademais, na importância de elites vigorosas e criativas, das quais devem depender as civilizações atuais e do futuro. <sup>27</sup>

O desenvolvimento, argumenta Meira Mattos, "é uma parte axial da Revolução de 1964", e provém da modernização de setores nacionais, tais como: tecnologia, benefícios sociais, participação dos cidadãos, produção industrial, governo eficiente e integração dos territórios nacionais. E, com confiança, proferida ao longo dos seus textos, o general declara, afirmativamente, que o Brasil possui os recursos, a vontade popular e a força de líderes necessários para "situar-se, até o ano 2000, entre as nações mais prósperas e poderosas do universo", o histórico "despertar para a grandeza" da Nação. <sup>28</sup>

Mais ainda, o ubíquo tema do poder domina em seus textos

e sublinha o significado que tem o desenvolvimento para os objetivos nacionais brasileiros, pois o desenvolvimento cria poder e, sem poder, "uma sociedade torna-se um corpo inerte, sem vontade, incapaz de satisfazer sua própria razão de ser, ou aquela que é sua contínua evolução". E, quanto maiores sejam "as aspirações e necessidades do Brasil, maiores serão as necessidades de poder para conduzi-las." <sup>29</sup>

Em suma, partindo dessa estrutura de realismo político, Meira Mattos descreve os problemas de segurança do Brasil contemporâneo, e prescreve, como remédio, uma forte dose de poder, consequência este do desenvolvimento. Para tornar operativos esses amplos parâmetros, particularmente na formulação de políticas e diretrizes governamentais específicas, o general estipula que as soluções dos problemas devem basear-se nas "realidades geográficas", realidades essas que têm inspirado os grandes estadistas "desde tempos imemoriais." <sup>30</sup> Na perspectiva brasileira, "Geografia é destino".

Para Meira Mattos, a Geopolítica é "uma indicação de soluções políticas condicionadas por realidades e necessidades geográficas". <sup>31</sup> Em outra parte, ele escreve: "o território condiciona a vida de um país e limita suas aspirações... A geografia condiciona, dificulta, inspira, estimula, e, finalmente, oferece um desafio. Sucede que, como



destino do homem, é necessário responder às condições geográficas; se ele responde, triunfa, se não responde, é destruído".<sup>32</sup> Da mesma forma que o desenvolvimento nacional, "a Geopolítica, se corretamente aplicada, é uma fonte de poder e a solução de problemas de segurança".

Não obstante exista uma "luta eterna" entre o homem e seu ambiente, Meira Mattos sustenta: "é da vontade do homem o prevalecer e triunfar sobre os fatores geográficos desfavoráveis". Fortemente influenciado pela tese de Toynbee de "desafio e resposta", ele argumenta que a grandeza nacional se revela quando os povos utilizam o poder e a vontade em resposta aos desafios do ambiente, pois o terreno geográfico áspero, como, por exemplo, o das florestas da Amazônia põe à prova o caráter de uma nação. Assim, superando as épocas passadas de polarização, esterilidade e derrotismo, criados pelos obstáculos ambientais, a redenção nacional será restaurada em proporção à extensão das fórmulas geográficas aplicadas.<sup>33</sup>

O general afirma que o território físico tem influenciado enormemente os destinos dos países. As nações com formas compactas, em contraste com as que possuem territórios extensos e fragmentados, mantêm fronteiras menores e, assim, enfrentam menos conflitos com vizinhos e se adaptam mais à defesa militar, ao desenvolvimento

econômico e à unidade interna.<sup>34</sup> Os espaços extensos trazem uma projeção de poder maior, porque tais países possuem, freqüentemente, recursos substanciais, população, liderança e mobilidade defensiva. Sobre esse último ponto de vista, Meira Mattos concorda com o geopolítico alemão Friederich Ratzel, quando sustenta que "espaço é poder".

Os países providos de costas marítimas extensas têm vantagens quanto ao contato comercial internacional, menor interesse dos países vizinhos, fronteiras marítimas naturais e menor probabilidade de enfrentar guerras ou invasões conseqüentes.<sup>35</sup> Com referência às fronteiras terrestres, Meira Mattos crê que os limites entre países representam zonas de conflito e que, em conseqüência, a fim de evitar escaladas de guerra, julga conveniente o estabelecimento, até onde seja possível, de estados-tampões entre potências maiores. De forma interessante, o general adere à idéia de "concepção do espaço", devida aos alemães Ratzel e Karl Ritter. Os proponentes desse conceito visualizam limites flexíveis rodeando os limites territoriais das nações, baseado no argumento de que os "povos jovens e fortes" possuem uma concepção maior do espaço geográfico, e por isso devem lutar por mais espaço. Menos afirmativamente, ao contrário, as nações satisfeitas têm uma concepção declinante de espa-



ço, existindo a suposição de que tais povos se tornem decadentes e, eventualmente, percam território e, talvez, a independência. Assim é que as nações mais fortes e mais jovens naturalmente exigem mais espaço ou "labensraum" (espaço vital), enquanto que países em declínio se chocam com tal expansão e devem perder territórios.

Influenciado pela tese da "concepção do espaço", Meira Mattos afirma que as fronteiras, em sua maioria, são inerentemente instáveis e parecem "a pele de um organismo em crescimento . . . a fronteira atual de um país é sempre o resultado de sua evolução . . . uma expressão da vontade coletiva ou individual".<sup>36</sup> Não obstante nenhuma fronteira específica seja delineada por Meira Mattos, tais declarações poderiam ser completamente alarmantes com relação à Amazônia Brasileira e aos vizinhos do sul, apesar das firmes garantias do general; em outra parte, de que não são agressivas as intenções quanto ao desenvolvimento das fronteiras do seu país.

Meira Mattos caracteriza o Brasil como sendo, com frequência, beneficiado por seus diferentes aspectos geográficos. Sua forma territorial é compacta, sua extensão é enorme e sua posição é vantajosa, devido às suas extensas costas marítimas e às fronteiras internas que não são disputadas por seus vizinhos. Construindo um "quociente continental e marítimo", a fim

de enfatizar esse efeito, o general rotula o Brasil como uma nação "mista" quanto a fronteiras marítimas e terrestres, semelhante aos Estados Unidos e à União Soviética, e argumenta que esse equilíbrio, ignorado pelos governos anteriores a 1964, contém um importante potencial para projetar o poder nacional além das fronteiras.<sup>37</sup> E, visto que o Brasil é dotado de amplos recursos naturais e possui uma crescente base industrial, um sistema integrado de "costa e interior" oferece grandes possibilidades de auto-suficiência nacional, assim como para um elevado *status* de reconhecimento internacional.

Apesar da inclemência da floresta úmida da Amazônia, Meira Mattos postula que essa área seja também "civilizada" e contribua para o desenvolvimento brasileiro. Disto, ao vencer os desafios da floresta, estimular-se-ão as qualidades intrínsecas do caráter e da vontade do povo da região, "despertando-o" para cumprir seu destino de "grande civilização mundial".<sup>38</sup> Esse importante tema geopolítico – o de que as regiões tropicais virgens podem fornecer ao Brasil um novo estímulo para ganhar "independência" e "propósito" – é uma orientação mais recente do general, como estudioso, de acordo com o manifestado em *Uma Geopolítica Pan-Amazônica* (1980) e *Geopolítica e Trópicos* (1984). Atacando, com alguma veemência, os argumentos de que os ambientes tropi-



cais geram inferioridade e degeneração cultural e tecnológica, o general afirma que a mistura de raças, única do Brasil, o desafio do deserto e o legado dos limites criam uma nova e progressista "civilização tropical", destinada à liderança no século XXI e mais além dele.<sup>39</sup>

Os governos anteriores não reconheceram essa receita para a grandeza, alude Meira Mattos, que revela um claro desgosto pela "irracionalidade do passado", pela "plasticidade nacional" dos funcionários civis "esquerdistas", que atuam com "mentalidade de papel carbono", "mentalidade vazia" e "temperamento abstrato". Porém, felizmente, em adição ao feito de que o país está sendo bem governado, democrático, pacífico, e seu povo unido, dando apoio às lideranças posteriores a 1964, as políticas firmes de desenvolvimento foram igualmente estabelecidas, olhando para o progresso nacional. Meira Mattos elogia esse espírito nacional restaurado, declarando: "o Brasil, muito mais jovem (do que estava, em regimes passados, com relação a outros países) já *está integrado em seu espírito nacional*. Ninguém de boa fé é capaz de duvidar da existência de um espírito nacional, alerta e sensível aos superiores interesses e aspirações da Nação. Temos unidade de linguagem, de crença religiosa, e na aceitação do amálgama racial – sobretudo, um extraordinário espírito de unidade. No imenso subconti-

nente brasileiro, todas as regiões e cores vibram com igual intensidade diante da nossa Bandeira e do Hino Nacional. Todos são igualmente regidos pela mesma música, a mesma história . . . a mesma lenda do saci-pererê" (ave de canto lúgubre).<sup>40</sup>

Com o mesmo talento, o general escreve: "nosso povo é inteligente, tem iniciativa, aprende novas técnicas com rapidez, deseja progredir e tem orgulho do país . . . com esse povo alcançaremos nosso destino".<sup>41</sup>

Em razão de o Brasil satisfazer requisitos geográficos e humanos, já assinalados, para lograr a grandeza nacional, Meira Mattos declara, confiante, que seu país possui "todas as condições para aspirar um lugar entre as potências mundiais", tema repetido em todos os seus textos. Seu país executará esse "salto" para o desenvolvimento moderno, e sem a influência internacional destrutiva dos modelos russo e chinês, senão, ao contrário, dentro de um contexto ocidental de "democracia com autoridade".<sup>42</sup> Alcançando, portanto, o *status* de grande potência, alcançará novas responsabilidades, afirma o general: "nosso desenvolvimento terá, como consequência, um peso de maiores responsabilidades na área de segurança externa. Seremos uma potência mundial, alcançando essa meta do nosso desenvolvimento pelo ano 2000, e isso *independentemente* de nossa vocação em possuir tal po-



der. Necessitamos, portanto, estar bem preparados para exercer esse poder, protegendo nossos interesses, cujas dimensões, em termos econômicos e geoestratégicos, adquirirão amplitude mundial".<sup>43</sup>

Em consequência, a posição de potência do Brasil exige a expansão do seu papel em duas áreas vitais de interesse: o vaso do Atlântico Sul e a Amazônia.

A nova confiança do Brasil em seu papel de potência mundial levou o país, durante a década passada, a uma preocupação maior a respeito da segurança no Atlântico Sul. O general toca nesse ponto, quando declara: "devemos chegar ao fim do século com uma disponibilidade de segurança militar que nos garanta o uso das vias aéreas e marítimas no Atlântico Sul, estabelecendo ali uma força estratégica dissuasiva de grande mobilidade".<sup>45</sup> A esse respeito, em outra parte, ele diz: "na atualidade, existe uma ameaça fundamental no Atlântico Sul, constituída pelo bloqueio das vias de abastecimento de petróleo para os Estados Unidos, a Europa e o Brasil. O bloqueio do cabo da África do Sul polarizaria a OTAN, que é o principal instrumento contra a União Soviética." <sup>46</sup>

Para combater essa ameaça, o general considera urgente um estudo militar completo da situação, incluindo aquelas posições-chaves estratégicas que deveriam ser ocupadas, se ameaçadas, quais as alianças

internacionais possíveis, e como seriam desdobradas as forças na região.

Paralelamente à exigência de segurança no Atlântico Sul, existe a necessidade de manter o acesso ao comércio marítimo com mercados de ultramar. A fim de evitar um "estrangulamento econômico" pelo bloqueio das áreas de choque, Meira Mattos defende um ambicioso programa de Marinha Mercante e construções navais. Com as vias comerciais garantidas, em adição à exploração de novos recursos na plataforma continental do Brasil, nas suas 200 milhas de mar territorial e na distante região da Antártica, o general prediz que a expansão marítima brasileira, em consequência, há de contribuir para tornar o Atlântico Sul "uma das sociedades mundiais mais prósperas". <sup>47</sup>

Os parâmetros de segurança atlântica de interesse para o Brasil são traçados, por Meira Mattos, da seguinte maneira: "o eixo Belém-Recife-Dacar, estendendo-se ao norte, em direção ao Trópico de Câncer, compreendendo o Caribe – especificamente o Canal do Panamá, Trinidad Tobago e as Antilhas Orientais – continuando para a Península Ibérica e Gibraltar". Com referência aos extremos meridionais, o general está particularmente interessado nos pontos de choque do Cabo Sul-Africano e da Terra do Fogo. Ele ressalta a importância vital, para o Brasil, do acesso ao Pací-



fico e ao Oceano Índico e adere às reivindicações sobre a Antártida, tanto brasileiras, como argentinas e chilenas.

Meira Mattos acredita que o poder brasileiro nas décadas vindouras será insuficiente para enfrentar os desafios de segurança na área e, por conseguinte, solicita uma presença naval conjunta Brasil-Estados Unidos, tendo em conta que os aliados têm interesses estratégicos semelhantes no Atlântico.<sup>49</sup> De igual forma, o general postula a criação de uma Comunidade do Cone Sul, ou de uma Organização do Tratado do Atlântico Sul, composta pelo Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai, e também eventuais membros africanos, para a segurança das vias meridionais.

As relações afro-brasileiras, afirma o general, são "mais importantes para o Brasil, que qualquer outra área do mundo", porque as nações africanas orientais, tendo alcançado sua independência, são mais suscetíveis da penetração soviética. Pela primeira vez, elas poderiam oferecer uma ameaça potencial à segurança nas costas do Brasil.<sup>50</sup>

Contudo, os mercados africanos constituirão uma boa saída para os produtos industriais brasileiros, e possíveis rivalidades comerciais poderiam ser reduzidas, se o Brasil dependesse menos da exportação de produtos primários. Ele propõe laços mais estreitos com a África, a fim de evitar que o Brasil

tenha uma imagem de "vizinho perigoso e incômodo".<sup>51</sup>

Recomendando uma comunidade Portugal-Brasil-África Portuguesa, para segurança e vantagem econômica, Meira Mattos vê o Brasil no papel de mediador entre os países afro-asiáticos e ocidentais. Nos primeiros anos da década de 60, situou essa relação do seguinte modo: "podemos levar a cabo uma importante tarefa de verdadeira missão ocidental — uma tarefa de tentar dissipar as reações anti-ocidentais da Afro-Ásia...; através da comunidade luso-brasileira, poderíamos aproximar as novas nações africanas, oferecendo-lhes nossa experiência como jovem nação, com um passado colonial recente, que está quase saindo da fase de subdesenvolvimento, não está oprimida por problemas sociais, e está interessada no comércio e nas relações econômicas com seus vizinhos através do Atlântico".<sup>52</sup>

A projeção da influência na área atlântica, argumenta o general, é outro importante passo para a meta de desenvolvimento e segurança do Brasil.

Entre os temas geopolíticos de Meira Mattos, o do desenvolvimento da Amazônia é o que merece sua recente e maior atenção. Pelo menos seis explicações recolhidas de seus textos sublinham o interesse estratégico do general pela área. Primeiro, ele identifica um "problema amazônico": a cobiça por parte de outras nações ou de



organizações internacionais, provocada por sua escassa população e sua "inexplorada riqueza mineral e ecológica". Ele diz: "seria perigoso deixar a grande área da Amazônia despovoada e subdesenvolvida, quando existem áreas gravemente superpovoadas, caso de Bangladesh, Indochina e Japão. Não seria desejável que os países relacionados com a área amazônica perdessem sua soberania nessa cobiçada região, sob o pretexto de sua incapacidade de explorá-la."

Respondendo à dificuldade demográfica, Meira Mattos inclui as imigrações estrangeiras na Amazônia, recomendando a inversão, a expansão da população interna.<sup>53</sup>

Recorda, também, a possibilidade de rebeliões nessa região: "o inimigo está agora dentro (do Brasil), não é uma ameaça de ataque direto às nossas fronteiras... A ameaça internacional real é a Guerra Revolucionária". A fim de obstaculizar essa força centrífuga, ele recomenda que a fronteira amazônica seja desenvolvida e integrada às costas.<sup>54</sup> Em outro ponto, recorda a seus leitores o bloqueio naval alemão durante a Segunda Guerra Mundial e o idêntico potencial soviético nas décadas seguintes. Essa "perigosa" dependência da costa sem o apoio do interior pode ser resumida da seguinte forma: "esta política de continentalidade, para ser efetiva, deveria criar um interior que seja menos de-

pendente da tirania do comércio marítimo, ou dos cinturões marítimos. Deverá garantir certo nível de interdependência econômica entre as regiões vinculadas às grandes massas continentais (sul-americanas), favorecendo o estabelecimento de uma sociedade próspera e, como tal, auto-suficiente".<sup>55</sup>

Com a integração da Amazônia com o Atlântico, e também com o Pacífico andino, um interior colonizado poderia resolver algumas das dificuldades, como sejam rebeliões e ataques estrangeiros.

A perspectiva de uma imensa riqueza amazônica aplicada ao desenvolvimento nacional estimula o interesse de Meira Mattos. Citando recentes descobertas de minérios de ouro, ferro, bauxita, urânio e manganês, ele crê que a penetração interior "resultará" na descoberta de novas riquezas, na ampliação de um potencial dificilmente suspeitado e sua transformação em poder. Isso significa a conquista do espaço interior, e seu valor estratégico seria amplamente aceito para o ano 2.000. Para todos os países que têm parte na área amazônica, esses benefícios resultariam em um verdadeiro "toque de clarim" para o progresso sul-americano.<sup>56</sup>

Meira Mattos visualiza a estrutura amazônica como um foco emergente do centro do *hinterland* (coração da terra) da América do Sul. Não obstante ignorar o "triângulo mágico" da



Bolívia, não desconhece a "posição privilegiada da Bolívia e do Equador, devido aos estratégicos desfiladeiros de suas montanhas, que enlaçam o interior do Brasil com o Pacífico. A esse respeito, o general insiste francamente na importância da estrutura para o desenvolvimento continental: "no Brasil moderno, o centro do problema do despertar do continente está localizado na Amazônia". E, sob esse aspecto, o Brasil predomina porque<sup>57</sup> "está em uma posição privilegiada à frente de outros que têm parte na área amazônica, pelo fato de que a maior parte do nosso território é adjacente ao curso de saída para o

**oceano". Portanto, a exploração da Amazônia constitui a chave vital, não só para o progresso do Brasil, senão também para a América do Sul, como o sucesso futuro das duas áreas intimamente entrelaçadas, e sob a liderança do Brasil.**

Para essa utilização do espaço continental interior, o general alude que a política do Brasil é de um "intercâmbio fraterno", não de isolamento ou de hostilidade para com as repúblicas de língua espanhola. A esse respeito, escreve: "nos últimos anos, nossa diplomacia reajustou suas linhas estratégicas, dando mais importância à política de aproximação com nossos vizinhos continentais. Em um curto período, esta orientação foi coroada de êxito. Estreitamos nossas relações com as nações sul-americanas e as or-

ganizações regionais e sub-regionais. Começamos, em um curto período, a mobilizar os chefes das nações com parte na área amazônica, por meio de um tratado de cooperação. E, finalmente, motivamos nossos vizinhos que são membros do Pacto Andino, a respeito da importância do novo acordo com o Brasil, para benefício comum de todos".<sup>58</sup>

Em outra parte, ele amplia o tema das intenções pacíficas: "a estabilidade e a tranquilidade mundial representam a satisfação de nossa história de vocação pacifista e a atmosfera de segurança indispensável para o progresso sócio-econômico que desejamos alcançar".<sup>59</sup>

Utilizando os conceitos de desenvolvimento de "pólos" fronteiriços e "projeções pólo-amazônicas", Meira Mattos descreve três zonas de intercâmbio enlaçadas ao Planalto Central e a Brasília, por um extenso e novo sistema de vias rodovias e ferroviárias: 1) a área de acesso norte para a Guiana, Suriname, Venezuela e Colômbia, via "Boa Vista"; 2) uma passagem ocidental para o Peru e Equador, via "Iquitos e Letícia"; e 3) o canal sudoeste para o Peru e Bolívia, via "Rio Branco e Riberaltá". Novos empreendimentos industriais, agrícolas e mineiros emergirão dessas zonas, provendo o governo telecomunicações e transporte, facilidades administrativas e energéticas, e demais assistências.<sup>60</sup> Partindo desses pontos, círculos concên-



tricos de desenvolvimento irradiarão sua influência a partir do centro e, eventualmente, cruzarão fronteiras internacionais, para estimular, mais adiante, progressos continentais, conforme prevê o Pacto Andino.<sup>61</sup>

Classificando os esforços para o desenvolvimento da Amazônia como resposta nacional a um desafio de nível toynbeano, Meira Mattos declara que a "arrancada" para o oeste é semelhante às feitas pela Rússia, Austrália e Estados Unidos em séculos passados. Esses países, muito semelhantes ao Brasil sob a perspectiva geopolítica, possuíam certas características necessárias para desenvolver vastos territórios, e todos eles venceram "o problema da conquista do próprio território, da integração de suas partes marítimas e continentais, revelando-nos a importância do transporte territorial e da população, a capacidade de materialização (de projetos) dentro do contexto geográfico, e a vontade política da nação. Essa vontade, sabemos, não está traduzida no trabalho de um governo, senão, ao contrário, na linha de continuidade que anima as aspirações e os interesses nacionais, cujo rumo mantém um coerente 'rastros' do passado-presente-futuro, quaisquer que sejam o regime e o governante".<sup>62</sup>

Sem dúvida, esclarece o general, o Brasil possui vontade, capacidade, estratégia e persistência para que essa transfor-

mação se realize. Assim, utilizando análises e planos geopolíticos, Meira Mattos afirma que a projeção do desenvolvimento brasileiro na área amazônica, como também no Atlântico Sul, levará o país ao seu destino nacional, à realização, nas décadas vindouras, das satisfações proporcionadas pelo *status* de potência mundial.

## CONCLUSÕES

Dos textos geopolíticos do General Meira Mattos, podem-se delinear, de acordo com a matéria apresentada:

1. As abordagens geopolíticas são vitais para o progresso e a segurança nacional brasileira, como base para a integração da política de planejamento, do espaço territorial e dos conceitos de posição, dos recursos nacionais (naturais) e tecnológicos, da coesão e vigor da população, e da criatividade de lideranças quanto ao combate aos desafios domésticos e internacionais e ao cumprimento das aspirações nacionais.

2. A posição geográfica do Brasil, somada à tradicional herança ocidental, coloca a nação em aliança com os Estados Unidos e a Europa Ocidental, em oposição às ameaças extra-hemisféricas, de modo geral ao expansionismo russo.

3. A segurança do Brasil está vinculada à do Atlântico Sul, uma zona estratégica muito valorizada, primeiro pelo Salien-



te Nordeste, que se projeta em direção à África, o que obriga a proteger os estreitos atlânticos que dão acesso ao norte da África. Segundo: Meira Mattos impõe ao Brasil a responsabilidade de garantir o passo através dos pontos vitais de choque do Atlântico, situados ao sul da África e o cone da América do Sul, para proteger os mares adjacentes à África Ocidental.

4. A Geopolítica realça, no planejamento regional da área amazônica, os conceitos de pólos de desenvolvimento, rede de comunicações, desafios demográficos, recursos naturais e similares. De igual forma, a integração da fronteira (interior) com a costa e sua auto-suficiência como entidade regional reduzem as ameaças insurrecionais e estrangeiras, podendo ser cumprida dentro de uma estrutura de cooperação e amizade hispano-americano-brasileira.

5. Poder, segurança e desenvolvimento estão intimamente ligados a essa conexão, e uma vez projetada, além da esfera continental para uma dimensão mundial, cumprirá o destino do Brasil, ou seja, a obtenção do *status* de grande potência.

Os temas geopolíticos de Meira Mattos são eminentemente originais e brasileiros, com empréstimos menores de fontes britânicas, francesas ou norte-americanas, o que se poderia deduzir de uma primeira leitura dos seus textos. Não obstante

ser muito versado na produção acadêmica na área da Geopolítica e das relações internacionais (seus textos estão repletos de citações e idéias alheias), o general não é intelectualmente dependente de outras autoridades ou escolas de pensamentos, nem escravo das tradições geopolíticas brasileiras. Ao contrário, suas formulações podem caracterizar-se como dinâmicas, inovadoras, otimistas, adaptáveis e consistentes dentro de um esquema político realista; mais prescritivo que determinista na aplicação da Geografia à Política, e pertinente a muitos acontecimentos internacionais contemporâneos no hemisfério.

Especificamente, ele diverge dos geopolíticos brasileiros tradicionais, ao ignorar o conceito de triângulo mágico boliviano; ao substituir a rivalidade argentino - peruana - venezuelana pela cooperação e harmonia regional; ao enfatizar as estratégias e táticas explícitas do desenvolvimento da área amazônica, integrando-as no contexto nacional e internacional; e ao ampliar o perímetro de segurança de seu país até o Atlântico Médio e Sul, África e Antártica.

Da mesma forma, o general integra, habilmente, suas prescrições geopolíticas ao modelo de realismo que faz uma análise das relações de poder, e também facilita a extensão dos temas geopolíticos a problemas latino-americanos, como as fronteiras internas desocupadas, a tecnologia energética e os re-



ursos naturais, o espaço marítimo, o desenvolvimento regional, a cooperação de segurança, e a força das populações frente aos desafios ambientais. Meira Mattos não é dogmático quando descreve uma configuração de poder restrito à moralidade, suas metas democráticas para o Brasil (não obstante "moderadas" pela autoridade), sua confiança na unidade e madureza política do seu povo, e seu interesse em acumular poder como um meio de obter segurança e desenvolvimento, e não como um fim em si mesmo.

Sob o aspecto da política externa brasileira, os projetos de Meira Mattos são razoáveis e não exagerados. Recomenda à sua nação que, em primeiro lugar, se examine e penetre (e compreenda) com cuidado características tais como a herança, os recursos naturais e humanos, a posição geográfica, os problemas potenciais e reais, e os objetivos sócio-econômico-políticos provenientes do seu passado. Segue, então, o planejamento com base nas aptidões potenciais. O general não está preocupado com uma ameaça russa imediata, nem com a negligência dos Estados Unidos com referência à América do Sul. Suas prescrições a respeito dos perigos que o Brasil enfrenta se concentram mais nos remédios econômicos e na habilidade diplomática, que na força e na expansão militar. E, durante a década passada, essas abordagens de fato elevaram o

Brasil à liderança entre as nações sul-americanas. De forma otimista, ele prediz que o Brasil estará entre as grandes potências mundiais e, apesar de sua meta de fazer o ano 2000 data para que o país alcance esse *status* possa ser um pouco prematuro, a eventual ocorrência do Brasil como potência mundial não é, certamente, uma suposição irracional.

As áreas mais débeis nas teorias de Meira Mattos provêm de seu interesse pelas idéias de Toynbee e Ratzel. Essas influências externas tendem a depreciar e, sob certos aspectos, contradizer os principais temas geopolíticos do general. Por exemplo, Meira Mattos aplica a tese dos "desafios e respostas" de Toynbee como uma fórmula para o êxito do desenvolvimento da área amazônica e da exploração de suas riquezas, e para promover a integração e o poder nacional. Isto é, se o povo brasileiro for suficientemente desafiado pela floresta tropical, ele aumentará proporcionalmente seu esforço para dominá-la, tal como o general crê que seja o caso, e não só conquistará a Amazônia, senão também criará uma nova civilização tropical, que impelirá o Brasil em direção ao reconhecimento como grande potência internacional. Contudo, não está esse cálculo simplista sujeito a controvérsias? Por exemplo, pode essa percepção ser um novo mito do Eldorado, semelhante à atual exuberância sul-americana, no que diz res-



peito à Antártica, à plataforma continental e ao mar territorial de 200 milhas, ou a outras regiões desocupadas, que oferece um remédio aparentemente fácil, de perfeita riqueza, para resolver a inércia social e industrial? O povo brasileiro aproveitará essa aventura ou, ao contrário, o desenvolvimento trará ganhos só para os privilegiados? A Amazônia é, potencialmente, equivalente ao Meio-Oeste dos Estados Unidos ou à Ucrânia Soviética? Ou carece da necessária fertilidade dos solos, da flexibilidade ecológica, ou dos recursos industriais, a fim de contribuir para a formação de uma poderosa e grande infra-estrutura? Poderia o Domício da costa ser esfarrapado depois da modernização tropical? Poderia a grande dimensão territorial, ou a "juventude racional", ser traduzida, automaticamente em poder nacional? Poderia o fracasso do desenvolvimento amazônico (em virtude de custos excessivos ou faltas de planejamento) levar a uma séria desilusão nacional e ao retrocesso? Tais perguntas, vitais para se examinar a união da Amazônia ao *status* nacional, requerem uma análise mais profunda.

Quando Meira Mattos adota a tese da "contenção do espaço", de Ratzel, sobre a "elasticidade" das fronteiras nacionais, ele subentende uma ameaça brasileira contra os vizinhos hispano-americanos. Essa dimensão de seus textos, tratada

resumidamente em "Brasil - Geopolítica e Destino", sai, evidentemente, do contexto e contraria suas mais proeminentes declarações sobre a paz continental e a adaptação das fronteiras. A tese de Ratzel é completamente prejudicial para a realização dos objetivos da política externa brasileira, tão bem projetados pelo general porque, suscitando controvérsias e reações nos distantes perímetros do Brasil, construirá, com segurança, uma depreciação do desenvolvimento econômico amazônico e a segurança no Atlântico Sul.

Em um contexto mais amplo sobre a aspiração do Brasil quanto ao *status* de potência mundial, todavia, dentro das dimensões geopolíticas de Meira Mattos, existem certos aspectos dialéticos que foram depreciados. Pode a Nação perseguir vigorosamente seu novo poder, quando diferentes obstáculos continuam resistindo à modernização e à estabilidade de difícil alcance, especificamente seu sistema político de domínio militar, sua dependência do petróleo e do investimento estrangeiro, e suas lacunas no programa social? O cerco hispano-americano será contido, apesar da firme intenção do Brasil de consolidar a Amazônia? Não seria de grande valia analisar esses paradoxos de modo mais profundo, junto com os cálculos de poder, as respostas ambientais, a classificação entre as nações etc.?



Tais desafios, não obstante, não estão fora do pensamento de Meira Mattos (por exemplo, ele condensa os bolsões de pobreza, sugere alternativas a respeito da dependência do petróleo e defende os princípios do governo democrático). E seus textos geopolíticos estabelecem um esquema flexível e consistente, onde podem ser analisadas as questões dessa natureza. Em suma, os temas geopolíticos do General Meira Mattos contribuirão para a busca de um Brasil seguro e desenvolvido, uma nação que assume um lugar de respeito e liderança entre os membros da comunidade mundial.

## NOTAS

1. Para definição e melhor compreensão da Geopolítica, ver Ladis K. D. Kristof, "The Origin and Evolution of Geopolitics" - *Journal of Conflict Resolution*, Vol. 4, nº 1 (março, 1960) pp 15-51; Dervent Whittlsey, "Haushofer; The Policicians" - em Edward Mead Earle, *Makes of Modern Strategy; Military Thought from Machiaveli to Hitler* (Princeton University Press, 1943) pp 388-41; James E. Dougherty e Robert L. Pfalzgraff Jr, "Contending Theories of International Relations: A Comprehensive Survey" (New York, Harper and Row, 1981) pp 54-83; e Keiichi Takenchi, "Geopolitics and Geography in Japan Reexamined" - *Hitot Subashi* (Journal of Social Studies), vol 12, nº 1 (novembro, 1980), pp 14-24.
2. Entre os exemplos do recente renascimento de interesse encontram-se as novas perspectivas sobre o tema. Colin A. Gray, "The Geopolitics of the Nuclear Era: Heartland, Rim Cands and Technological Revolution" (New York, crane Russak, 1977); Daniel Deudney, "Whole Earth Security: A Geopolitics of Peace" (Washington, D.C., World Watch Institute, 1983); Benjamin A. Mist e Harvey Starr, "Diffusion, Reinforcement Geopolitics and the Spread of War" - *American Political Science Review*, vol. 74, nº 4 (dezembro, 1980), pp 932-46; e John Child, "Geopolitical Thinking in Latin America" - *Latin American Research Review*, vol. 14, nº 2 (1979), pp. 89-111.
3. Lewis A. Tambs descreve a consciência geopolítica brasileira na época colonial. Ver seu "Brazil's Expanding Frontiers" - *The Americas*, vol. 23, nº 2 (outubro, 1966), pp 165-69, e "Rubber, Revels and Rio Branco: The Contexts for the Acre" - *Hispanic American Historical Review*, vol. 46 (agosto, 1966), pp 254-73. Ver, também, Carlos de Meira Mattos, "Uma Política Pan-Amazônica (Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1980), pp 1962, e Howard Pittman, "Geopolitics in the ABC Countries: A Comparison", estudo preparado para a reunião da Western Political Science Association, Seattle, Washington, março, 1938, pp 12-31, 31-58.
4. Para um resumo do plano estratégico brasileiro para o século XX, ver Frank D. Mc Cann, "The Brazilian General Staff and Brazil's Military Situation", 1900-1945, *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, vol. 25, nº 3 (agosto, 1983), pp 299-324. Os trabalhos de Child Pittman estudam, também, esses aspectos.
5. Robert N. Burr relata uma aliança Brasil-Chile-Colômbia, formada em várias épocas durante o século XIX, interamericano Studies and World Affairs, vol. 25, nº 3 (agosto, 1983), pp 299-324. Os trabalhos de Child Pittman estudam, também, esses aspectos.
5. Robert N. Burr relata uma aliança Brasil-Chile-Colômbia, formada em várias épocas durante o século XIX, em oposição a eixo Argentina-Peru. Ver seu ensaio "The Balance of Power in Nineteenth-Century South America: An Exploratory Essay", *Hispanic American Historical Review*, vol. 35, nº 1 (fevereiro, 1975), pp 37-60.



6. "Curso de Geopolítica Geral e do Brasil" (Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1952).
7. "Projeção Continental do Brasil" (2ª edição, São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 1935). Meira Mattos atribui, a Travassos, uma particular dúvida intelectual e inspiração, cuja obra representa, para ela, "um trabalho de pioneirismo intelectual": "Projeção Mundial do Brasil" (São Paulo, Gráfica Leal, 1960, p. 3. Ver, também, sua homenagem a Travassos em "Brasil: Geopolítica e Destino" (Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1975), pp. 52-3 (no futuro BGD).
8. "Aspectos Geopolíticos do Brasil" (Biblioteca do Exército, 1957) e "Geopolítica do Brasil" (Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1967).
9. Howard Pittman considera Golbery o principal estudioso no Brasil durante 1950, cujas idéias continuam influenciando a política na atualidade. Considera, todavia, Meira Mattos como uma "nova fase" no pensamento estratégico nacional, de onde surgem novos temas em torno das preocupações anteriores a respeito das fronteiras e do desenvolvimento interno. "Geopolitics in the ABC Countries", pp. 39-43, 47-52. Estudos adicionais à Geopolítica brasileira de Meira Mattos que podem contemporaneamente, ser citados como contribuição, sobre vários aspectos, das publicações do general: Lysias A. Rodrigues, "Geopolítica do Brasil" (Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1947); Jaime Ribeiro da Graça, "A Geografia na Política Externa, Introdução à Geopolítica" (Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1947); Jaime Ribeiro da Graça, "A Geografia na Política Externa, Introdução à Geopolítica" (Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1951); e Terezinha de Castro, "Rumo à Antártica" (Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1976), e "O Brasil no Mundo Atual: Pensamento e Diretrizes" (Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1982).
10. Pittman encontra homogeneidade e continuidade (na geopolítica brasileira) no trabalho de ambos sobre teorias construtivas do tipo de lógica progressiva. A razão para isso lhe parece ser a absoluta aceitação e certos parâmetros e aspirações nacionais, acompanhada de uma continuidade nacional no "desejo de completá-los". O pensamento geopolítico brasileiro é idêntico entre autores civis e militares, não apresentando uma exclusividade de interesse militar. Ver seu estudo "Geopolitics of the ABC Countries", p. 57.
11. Para informações sobre a ESG (Escola Superior de Guerra) e seu impacto, ver Roger W. Fontaine, Brazil and the United States: Toward a Maturing Relationship", Washington D.C., American Enterprise Institute for Public Policy Research, 1974), pp. 80-92; e Alfred Stepan, "The Military in Politics: Changing Patterns in Brazil" (Princeton University Press, 1971), pp. 247-7.
12. Stepan, op. cit., pp. 236-45.
13. Clifford A. Kiracofe Jr., "Brazil: An Emerging Strategic Factos in the Southern Atlantic", Journal of Social and Political Studies, Vol. 5, nº 3 (Outono, 1980), p. 200. Ver também Pittman, op. cit., pp. 122-31, e Fontaine, op. cit., p. 82.
14. "Geopolitics and the ABC Countries", p. 106
15. Ver, por exemplo, Jordan M. Young, "Brazil: World Power 2000?", Intellect, vol. 105, nº 2.384 (maio, 1977), p. 407.
16. Kiracofe, op. cit., pp. 211-12.
17. Para uma excelente revisão dos acontecimentos recentes na política externa do Brasil, ver Riordan Roett, "Brazil's International Relations in Perspective", Orbis, vol. 26, nº 1 (Primavera, 1982), pp. 257-67.
18. Essa interferência é sugerida pelo autor. O general, bastante preocupado com os distintos problemas e oportunidades de seu país, dedica muito pouco espaço às questões do Leste-Oeste. Não faz referência a Cuba, Vietnã, Europa Oriental, América Central ou qualquer outra das áreas perturbadas pela Guerra Fria. Somente no contexto realista da política internacional (como indicado posteriormente), Meira Mattos evidencia sua preferência pela ideologia ocidental, e faz muito discretamente.



19. Carlos de Meira Mattos, "Geopolítica e Trópicos" (Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1984), pp. 155-57. Complementando os eventos militares e acadêmicos, Meira Mattos alcança, da mesma forma, o vértice político, e assim Ronald Schneider o descreve como amigo íntimo e "chave militar" do presidente Castello Branco (1964-68), e como um "oficial que seria considerado de absoluta sensibilidade (política) durante os quatro anos de governo do presidente". "The Political System of Brazil: Emergence of a Modernizing Authoritarian Regime", 1964-70 (New York, Columbia University Press, 1971), p. 147.
20. Nessa análise de realismo e poder, Meira Mattos está particularmente influenciado por Hans Morganthau. Os famosos seis princípios do realismo de Morganthau são cuidadosamente examinados em "A Geopolítica e as Projeções do Poder" (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977), pp 60-3 (idem GPR), completando os elementos de poder nacional, esferas de influência e balanço das doutrinas de poder. Meira Mattos, a propósito, somente registra Morganthau, dedicando pouco espaço a Nicholas Spykman e outros realistas, ao formular a estrutura geral da Política. Meira Mattos, seguramente, é um dos líderes das fórmulas geopolíticas atuais do Brasil.
21. Por exemplo, o general vê o Brasil como o "bastião do mundo livre" e "a cidade da democracia", porque o estratégico Saliente Nordeste continuará a ser utilizado pelas forças norte-americanas que necessitam cruzar o norte da África, quando vier o perigo da massa eurásiana (BGD, p. 74). Em outra oportunidade, Meira Mattos apela pela assistência militar norte-americana, tendo em conta a segurança do Atlântico Sul, sugerindo que o bloqueio soviético das vias de abastecimento de petróleo "poderia paralisar a OTAN, o principal instrumento contra a União Soviética" ("Estratégia Militar Brasileira", A Defesa Nacional, nº 673, 3º trimestre, 1973, p. 8). Outras passagens que refletem sua preferência pela democracia ocidental, em contraste com o marxismo, se encontram fundamentados em seu GPP, pp. 59-60, e BGD, p. 73.
22. Adotado e ampliado a partir de idêntica abordagem de Ray Cline, "Worked Power Assessment - A Calculus of Strategic Drift" (Washington D.C., Georgetown University, 1975). Os diversos aspectos da Fórmula do general não são precisos e, em consequência, os resultados são de difícil apreciação, não havendo dados de comparação precisos Meira Mattos aceita a definição de Poder Nacional da ESG, que conceitua o poder como "a expressão integral de todas as capacidades que uma nação possui em determinado momento para promover, interna e externamente, a expressão dos objetivos nacionais, apesar dos possíveis desafios." "A Política e as Projeções do Poder", p. 129.
23. "Geopolítica e Trópicos", pp. 101-18. Esse tema é encontrado frequentemente nos textos de Meira Mattos.
24. "GPP", p. 38. Os "realistas" (de realidade) definem, separadamente, a moralidade individual e a moralidade estatal, concordando que as duas espécies de análise sob um mesmo sistema de ética não são possíveis. Daí a ideia final de Meira Mattos a respeito da moralidade estatal: "é, sobretudo, a defesa dos interesses da nação" (p. 59).
25. "GPP", pp. 31, 16-7, 54-5.
26. "GPP", p. 50.
27. "BGP", pp. 88, 105-7 e "GPP", p. 30. Nesses casos, os conhecimentos do general foram tomados do historiador Arnold Toynbee.
28. "BGD", pp. 102-2.
29. "GPP", pp. 54-5, 102-3.
30. "BGG", pp. 406. Sobre o realismo como modelo geopolítico, ver Sigmond Neumann, "Comparative Politics: A Half-Century Appraisal", em Luis L. Cantori, "Comparative Political System" (Boston, Holdbrook, Press, 1974), pp. 14-9.
31. "BGD", p. 4 e "GPP", p. 15.
32. "GPP", pp. 105-6. Sob esse ponto de vista, Meira Mattos pode ser rotulado como uma "estratégia política". De acordo com Ladis Kristof, os estrategas "lutam pela política específica e certo envolvimento na política internacional e na tecnologia



- militar. Eles estão empenhados em considerações de espaço, poder nacional em potencial, distribuição de alimentos e população, caminhos estratégicos e sua conveniência. Ve seu estudo "Origens e Evolução da Geopolítica", pp. 37-8.
33. "BGD", pp. 7, 9-12, 40.
  34. "BGD", pp. 13-18, 71.
  35. Idem, pp. 21-2.
  36. "BGD", pp. 39-40.
  37. Idem, pp. 8-9, 19-20.
  38. O general crê que o vasto espaço desabitado representa "um aspecto altamente otimista e uma vocação para a grande política e (para a realização) de empresas econômicas e sociais. . . preparando uma formidável potência estatal. Nós achamos isso muito bom". "Aspectos Geopolíticos de Nosso Território", "Boletim Geográfico" (janeiro/fevereiro, 1952), pp. 48-9.
  39. Ver, por exemplo, "Geopolítica e Trópicos", especialmente pp. 3-6, 129-37.
  40. "GPP", p. 102.
  41. "GPP", p. 94.
  42. "BGD", pp. 71-3.
  43. "GPP", p. 143. Em outra parte, o general escreve: "Essa extensão brasileira de poder com finalidade internacional apresenta uma extensão geográfica dos interesses nacionais que correspondem à ambição das responsabilidades estratégicas". "Estratégia Militar Brasileira - Reflexões", "A Defesa Nacional", nº 673 (3º trimestre, 1977), p. 7. Ver, também, seu estudo "Doutrina Política de Potência".
  44. "BGD", p. 75. Sobre esse tema, acrescenta, "o destino do Brasil está condicionado por duas influências: continental e marítima. "GPP", p. 105.
  45. "GPP", p. 142.
  46. "Estratégia Militar Brasileira - Reflexões", p.p. 8-9.
  47. "GPP", pp. 110-23.
  48. "GPP", p. 122, e "Estratégia Militar Brasileira - Reflexões", p.8.
  49. "BGD", p. 76, "GPP", p. 122, e "Estratégia Militar Brasileira - Reflexões", p. 8.
  50. "BGD", pp. 75-6, Meira Mattos escreve que "os penhascos entre o Brasil e a África podem ser destruídos, representando um sério risco para a defesa:..
  51. "O Brasil e o Despertar Afro-Asiático", A Defesa Nacional (junho, 1960), pp. 114-18, em Fontaine, pp. 84-5.
  52. "Portugal na África", A Defesa Nacional (junho, 1960), pp. 114-18, em Fontaine, pp. 84-5.
  52. "Portugal na África", A Defesa Nacional (janeiro/fevereiro, 1962), pp. 63-5, e um editorial inserto no Boletim de Informações (julho, 1961), pp. 19-21, ambos de Fontaine, op. cit., p. 85-6.
  53. "Uma Geopolítica Amazônica", pp. 93, 136, 145-6. Ver, também, seu artigo "A Revolução e a Geopolítica de Integração Nacional", "Estratégia", nº 1 (março/abril 1973), pp. 65-6, e "Aspectos Geopolíticos do Novo Território", pp. 48-9. Nessa última fonte, Meira Mattos cita estatísticas que comprovam que (dentro de) a fronteira brasileira poderia contar um bilhão de habitantes.
  54. "O Poder Militar e a Política Internacional", "Revista Brasileira de Política Internacional", nº 73, pp 68-80. Ver, também, "Aspectos Geopolítico do Nosso Território", p. 49, Fontaine, op. cit., p. 81, e Schneider, op. cit., p. 252.
  55. "Uma Geopolítica Pan-Amazônica", p. 148, 166. O general refere-se a esse respeito, ao "quociente continental de Backheuser, que mede as fronteiras continentais e marítimas, e revela que um "impulso interior é capaz de cortar o "cordão umbilical" da dependência costeira, p. 161.
  56. "A Revolução e a Geopolítica de Integração Nacional", p. 67, e "GPP", p. 15. Em face de o Brasil não possuir suficientes reservas de petróleo, Meira Mattos recorda a necessidade do uso da energia nuclear com fins pacíficos, "BGD", p. 88-99, e "Uma Geopolítica Pan-Amazônica", p. 141. Critica a tentativa da administração Carter de restrição do combustível nuclear e da tecnologia para uso do Brasil, que o colocam em po-



sição inferior aos estados do Norte, no que se refere ao desenvolvimento relativo aos mesmos.

57. "Uma Geopolítica Pan-Amazônica", pp. 126, 131-4, 160 e "GPP", p. 92.
58. "Uma Geopolítica Pan-Amazônica", p. 139. A política externa tradicional do Brasil tem sido a de convivência pacífica com seus vizinhos. Ainda que as fronteiras do país se tenham expandido para o ocidente e para o norte no último século, o Brasil não tem disputas de fronteiras atualmente. Meira Mattos faz referência a esse tópico, quando se alegava a tentativa, em princípios de 1970 de isolar o Brasil do mundo hispano-americano. A hábil diplomacia brasileira e os Estados Unidos reverteram essa tendência, e reuniram as nações amazônicas, incluindo o Peru e a Venezuela no Pacto Amazônico, destinado ao desenvolvimento conjunto da região.
59. "Uma Geopolítica Pan-Amazônica", pp. 22, 136-7, e "GPP", pp. 143-4.
60. "Uma Geopolítica Pan-Amazônica", especialmente pp. 141-58. Ver, também, N.J.H. Smith, "Rainforest Corridors: The Transamazon Colonization Scheme" (Berkeley, University of California Press, 1982), pp. 12-3, pelas semelhanças entre as sugestões do general e a atual direção tomada pelo governo para estabelecer o transporte, as comunicações e a colonização em um trabalho conjunto.
61. Iniciado pelo Brasil, o tratado prevê a livre navegação dos rios da área amazônica, a coordenação das comunicações e do sistema de transportes, proteção da flora e da fauna, promoção de pesquisas científicas e tecnológicas, uso racional dos recursos hídricos e progresso nos campos de saúde e turismo. O Pacto não é uma integração ousada e não prevê uma organização supranacional ou transnacional para o desenvolvimento dos projetos.
62. "Uma Geopolítica Pan-Amazônica", pp. 161-7, também pp. 146 e 175. Esses pontos são semelhantes aos abordados com firmeza no último livro do general, "Geopolítica e Trópicos" (1984).
63. Para o conhecimento dos debates concernentes ao desenvolvimento amazônico, ver o artigo de A. R. Gross, *Getting to the Frontier: Recent Books on the Development of the Brazilian Amazon*, *The Journal of Development Studies*, vol 16 (outubro, 1979), pp. 92-112.
64. Toynbee, efetivamente, apresenta uma resposta negativa em relação aos interesses da floresta brasileira, quando escreve: "o setor equatorial (do Brasil, incluindo a área amazônica), não é estimulado, senão positivamente debilitado, e a ótima área climática - no sentido de área em que o desafio do ambiente físico evoca as mais positivas respostas humanas para a posição atlântica da América do Sul) começa ao sul do paralelo 20 e próximo a ele, na vizinhança do Rio da Prata, o melhor ponto, em virtude da proximidade do Trópico de Capricórnio". *A Study of History*, vol. II (Londres, Oxford University Press, 1934), pp. 296-7.

---

**PHILLIP L. KELLY** - professor de Relações Internacionais e Geopolítica da Cambridge University e colaborador das mais importantes publicações especializadas, entre as quais se destaca o *Journal of Latin American Studies*.

---